

Escalracho



Não hei-de dar cabo do escalracho

Não viverei para o extinguir.

Arranco-o furiosa com as mãos.

Escavo a terra com os dedos

E as unhas enchem-se de areia

Vejo então aquelas hastes subterrâneas

Branças como ossos, vigorosas até à demência

Reproduzindo-se em todos os sentidos.

Penso que o cancro deve ser assim

Enviando metástases para todo o corpo.

Ali é o corpo da terra que fica prisioneiro

das raízes infindas, e sempre a crescerem

que se diversificam em todas as direcções.

À superfície dão uma falsa relva rígida como lanças

E falsa! Mentira! Não é relva

A relva é macia e doce,

Frágil, tem de ser cuidada, acarinhada, mantida

Mas não a grama. A grama está sempre forte

Dissemina-se sorrateiramente, debaixo do chão

E aparece em toda a parte

Parasitando e roubando o alimento das rosas,

Minando os rizomas dos agapantos

As raízes das hortênsias,

competindo mesmo com a pobre verbena,

Tão humilde e tenaz.

Quando percebo que as mãos não chegam

Vou buscar um sacho e cavo com afinco e método

Procurando não ferir bolbos e raízes

Mas os olhos traíram-me

comecei a ver relâmpagos, e

As costas já se negam ao esforço.

Não hei-de dar cabo do escalracho

Já não tenho idade e forças para tamanha luta.

Penso construir um muro subterrâneo,

mais fundo do que vão as raízes

para preservar um campo de laranjeiras

ou o quadrado das túlipas, e dos narcisos.

Só a glicínia se ri do escalracho e medra,

Cresce, sorri nos cachos de flores violeta

Ou a buganvília quando a geada não a mata.

Ostentam a sua folhagem corajosa,

Rígida e trepando na pérgula,

Abundante e sempre a renascer na glicínia.

Proclamam, consoladoramente

que são mais fortes do que a grama

que por muito que o escalracho lhes aperte as raízes

a sua força é maior,

a força de beleza e da tenacidade

E isso consola-me.

Porque do escalracho,

Não conseguirei dar cabo.

Nov. 2009



Fiz setenta anos.

Trabalho e sou feliz

Mas não desconheço que envelheço

Que espero eu?

Que se pode esperar, nesta idade?

Espero no Senhor,

Nas maravilhas da sua misericórdia,

Nas surpresas da sua Graça.

Mas sei que virá a doença,

Talvez a decadência do meu amor,

Talvez a minha

Só Deus sabe.

Espero a morte

E preparo-me, olhando-a, julgo eu,

Como um novo parto

Um parto de mim mesma

Para outra forma de ser.

Tens fé? Nunca se tem bastante

Mas a esperança é de si

Frágil e tenaz, um arrimo

Uma bela árvore onde me encosto

Para descansar.

Por isso espero em serenidade

Sabendo que parte dela vem da ignorância

Mas que o Senhor providenciará

nas minhas fraquezas.

É preciso familiarizar-me com a morte.

Saber-me cada vez mais um ser mortal

E dar graças inesgotavelmente

Pela vida, pelo instante, pelo sol de cada manhã

Por cada poente, por cada luar, por cada carícia,

Por cada sorriso dos pequenos,

Por cada palavra que aprendem,

Por cada vocação que se afirma,

Por cada beijo que me dás

Por cada abraço em que me enlaças,

Por cada vez que a tua mão me procura

Para apoiar ou a pedir ajuda.

É preciso olhar a morte de frente

Para gozar cada instante

Mesmo que não seja bom,

Mas sobretudo quando a graça

irrompe num verso, numa pequena rosa

num beijo teu, numa palavra amiga,

ou no sorriso da Madalena ou da Clarinha.

Fevereiro de 2010

